M. E. S.

SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA

A AMAZONIA BRASILEIRA

Flagrantes de sua formação e de sua atualidade

pelo

Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis

PROGRAMA DO AMAZONAS

Belem do Pará

Novembro de 1944.

SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA

PROGRAMA DO AMAZONAS

Aula proferida durante o
2ª Curso Intensivo para
Medicos, em 1944.

Belem, Novembro de 1944.

A AMAZONIA BRASILEIRA

Flagrantes de sua formação e de sua atualidade

pelo

Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis

O CENÁRIO - A Amazonia é uma vasta planície. Para efeito de um melhor entendimento das diferenciaçoes brasileiras, enquadrada pelo Conselho Nacional de Geografia na primeira zona ou regiao brasileira. Compreende os Territórios Federais de Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé, os Estados do Amazonas e Pará, além de faixas de terras do norte dos Estados de Mato Grosso e Goiaz, servidos por aguas amazônicas e caracteristicamente dentro da regiao.

Sua principal distinçao está no conjunto fluvial da bacia do rio Amazonas e das pequenas bacias que molham a regiao da Guiana Brasileira, no Território do Amapá, e na densidade florestal, que lhe dá a pinta mais particular e lhe equaciona, como vamos ver adiante, as condiçoes existenciais.

O conjunto fluvial representa-se numa volumosa massa dágua que interessa o Brasil e as repúblicas visinhas de Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolivia e Guiana Britânica, servindo ao nosso relacionamento com aquelas democracias e estabelecendo uma unidade regional que permite considerarmos o conjunto amazônico como um mundo particular dentro do mundo sulamericano. Com uma extensao de 6 milhões e meio quilômetros e uma velocidade que oscila entre 2 e 6 quilômetros por hora, o trecho brasileiro do Amazonas enumera-se em quasi 4 milhoes de extensao.

A densidade florestal, por outro lado, fixa a paisagem que, só por exceçao, se apresenta esmaecida nos trechos de campos naturais. O espaço ocupado pela floresta representa, porém, 80% de terras.

luxo de detalhes e evidente sentido objetivo da realidade local, não poderam ser executadas com o sucesso imediato que se esperava. As populaçoes amazônicas, com ânimo resistente, vencendo todas as dúvidas, voltaram-se para os outros produtos que nao tinham sido abandonados, mas representavam-se, na balança da exportaçao, por números muito baixos. Esses outros gêneros eram, alem daqueles que já conhecemos, mais a castanha, os couros e pêles de animais silvestres, a balata, a que se vieram juntar a juta, experiencia agrária do sucesso impressionante, e as essências de páo rosa, de cotaçao alta nos mercados da Europa e dos Estados Unidos para fixaçao de perfumes.

Na atualidade, como decorrência de nossos compromissos em face da nossa política da bôa visinhaça e da guerra de que participamos como potência aliada e como decorrência do vasto programa de recuperaçao do vale esboçado pelos técnicos nacionais por determinaçao de S. Excia o sr. Presidente da República, que deseja retirar a Amazonia da condiçao de simples página de geografia para transformá-la num sumoso e brilhante capitulo da história da civilisaçao contemporânea, as condiçoes econômicas da Amazonia tomam direçao especial. Renovados os quadros do trabalho, reencetada a obra de conquista dos espaços que a derrotada da goma explicava, restaurado o crédito pelo financeamento da produçao, aumentada rêde de circulaçao fluvial com o emprego de maior número de embarcaçoes, atacado o problema da integraçao do homem em sua saúde pela execuçao de medidas especiais e bem coordonadas de saúde pública e saneamento, o panorama regional tem côres mais vivas, que se animam diariamente. Continuamos o espaço imenso, reservatório de materias primas necessárias ao Brasil na sua integraçao definitiva como naçao industrial, é certo. Mas a atividade que estamos desenvolvendo garantem-nos perspectivas sem sombras inquietantes.

A Amazonia, permitam para concluirmos esta caricatura que repitamos a afirmativa inicial, é uma imensa rêde hídrica e uma densidade florestal desmedida. Que realizou nela o homem? Um dos observadores mais severos e exatos das coisas amazônicas, Euclides da Cunha, concluiu que sendo a Amazonia como que a última página do Genesis, o homem estava alí presente ainda como um intruso com um rendimento de atividade insignificante.

Ora, no decorrer desta conversa, tivemos a oportunidade de verificar que o esfôrço do homem tem sido dramático e de certa maneira notável. De sua energia criadora, apezar de todas as forças negativas que o perseguem, podemos ter um índice expressivo nos dois centros urbanos de que se orgulha - Belém e Manáos, que ele construiu dentro da melhor técnica que foi possivel, na regiao equatorial, dando-lhes todas as caracteristicas dos centros urbanos progressistas e trabalhados com gosto arquitetônico e servidos de todo o equipamento que as cidades modernas exigem.

No tocante à economia, demonstração melhor de sua capacidade, os êxitos que alcança sôbre a floresta têm qualquer coisa de espetacular. Se a economia que resulta dessa púgna é ainda uma economia de caracter destrutivo, nem por issô podemos descrer dêsse homem ou dêsse ambiente. As riquezas florestais em potencial exigem a continuidade dêsse esfôrço sôbre a floresta. O homem amazônico, por outro lado nao póde abandonar suas atividades repentinamente, despresando o que criou em dois séculos de trabalho para ajustar-se a outros tipos de civilisaçao econômica. A Amazonia é, evidentemente, o maior parque de materias primas do continente, materias primas que proporcionamos aos nossos demais irmaos do mundo americano e a todos os povos animados do espírito de fraternidade humana. Mas é, tambem uma das páginas mais eloquentes da capacidade e da coragem dos brasileiros.

Nêsse mesmo ciclo, comissões de limites trabalharam como ainda trabalha a que tem a chefia do comandante Braz Dias de Aguiar, na demarcaçao das nossas fronteiras políticas. Assistiu por fim, essa etapa de agora, ao primeiro planejamento da organisaçao social e econômica do vale, com o decreto de 1912, que fixou os aspectos do problema amazônico e preparou o clima para as tarefas de magnitude que ora se executam para a recuperaçao regional.

Êsse esfôrço de recuperação envolve a colonisação, a regulamentaçao e o aumento da produçao, a tarefa de saneamento, o reequipamento financeiro e técnico. Em 1852, inaugurase a Provincia do Amazonas, que tirava raizes da antiga Capitania de São José do Rio Negro. O retalhamento político-administrativo, necessário, como um melhor complemento dessa tarefa de brasilidade em execuçao, completou-se agora com a criaçao dos Territórios Federais de Amapá, Rio Branco e Guaporé.

A ESTRUTURA ECONÔMICA - A economia amazônica foi e é caracterisada pela industria extrativa. Seus estadíos econômicos podem, todavia, ser divididos em três. No primeiro, o homem da Europa, penetrando a regiao, descobrindo-lhe as riquezas naturais mais à vista, servindo-se, para tal, da informaçao do gentio, servindo-se do seu braço e de sua inteligencia para a tarefa da coleta e do beneficiamento rudimentar da materia prima. E exportou para Lisbôa essa riqueza que se imagina capaz de substituir a especiaria oriental, entao a escassear pela atrevida concurrência que aos portuguêses começavam a fazer outros povos europeus, interessados no negócio colonial. Essa especiaria era representada, a êsse tempo, pelo cacáo, pelo cravo fino e grosso, pelo urucú, salsaparrilha, canela, quina, puxirí, casca preciosa, baunilha, pita, algodao, carajurú, sementes oleaginosas, canafístula, madeiras. Toda ela encontrava preço compensador nos mercados europeus, onde as utilisavam na famacopéa, na codimentaçao e em outras utilidades, domésticas ou nao. As madeiras serviam na construçao de embarcaçoes e de edifícios públicos. Palacios portuguêses, particulares ou do Estado, foram construidos com o madeirame que se solicitou à Amazonia. O Palacio de Queluz, com que o rei D. José pretendeu responder ao Francês de Versalhes, foi erigido com as espécies da floresta amazônica.

Êsses gêneros, encontrados em estado selvagem, colhidos por imensas flotilhas de canôas de sertanústas, por fim vieram a ser cultivados nas propriedades que se montaram nas cercanias de Belém e nas regioes circunvisinhas.

A êsses gêneros florestais, devemos acrescentar os de origem animal, principalmente os da espécie ictiológica. O homem da Amazonia, nêsse estadio, como nos estadios posteriores até o presente, pescou o pirarucú, pescou o peixe-boi e agarrou as tartarugas. Salgou-os e exportou-os largamente. Fez um negócio rendosíssimo, embora adotando, ontem como hoje, os processos mais primitivos, rústicos, de origem indigena.

No segundo estadio, que começou com as advertências e instruçoes emanadas, ainda no período colonial, do Marquês de Pombal e seus delegados na Amazonia, lavrou-se a terra intensamente e colonisou-se o espaço que se foi rasgando na floresta, a fogo. Trouxeram-se instrumentos apropriados, experimentou-se o grado com resultados pouco animadores. Plantou-se arrôz, cana, algodao, cacáo, café, tabaco. Continuou a exploraçao das espécies nativas. O volume da produçao cres-

dominador, imaginou-se na pósse de uma liberdade que poderia leva-la a substituir êsses mesmos dominadores inclusive na pósse dos haveres privados. E a guerra civil, de fundo social, veio a furo com tremendas consequências. Bandos de rebeldes apossaram-se de quasi toda a Amazonia. Um nordestino de 21 anos, Eduardo Angelim, comandou a rebeliao, repelindo propostas de estrangeiros para retirar a Amazonia da comunhao brasileira e contendo seus companheiros nos excessos a que se entregavam aquí e alí. Soldados eminentes do Império, funcionários civis, sacerdotes, proprietários rurais, comerciantes, burguêses, homens do trabalho, escravos negros, todos os elementos, enfim, que compunham os vários gráos da sociedade amazônica, participaram dêsse drama de heroismo e de sangue. Quarenta mil vidas pagaram os excessos partidários da guerra civil. Toda a vida econômica da regiao ficou comprometida. Proprietários que possuiam milhares de cabeças de gado viram-se, da noite para o dia, reduzidos a três e quatro animais. A seivosa demonstraçao cívica criara um passivo imenso.

A restauraçao econômica, social e politica foi a obra a que se entregaram as geraçoes saídas do entrevero. Obra silenciosa, para a qual todos trouxeram a sua partícula. Descobriram novas especiarias, novos tipos comerciáveis na flóra e na fauna regionais. Mercê providências governamentais, começavam a sulcar as aguas do Amazonas e de seus afluentes principais, indo as linhas até Nauta, no Pará, os barcos a vapor, revoluçao que um homem de genio, Irineu Evangelista de Souza. Visconde Mauá realisava com os seus capitais, com os capitais mobilisados na propria Amazonia e aquela vontade pragmática que tanto lhe distinguia as atitudes. Começava evidentemente o quarto ciclo. Os estadistas imperiais, com os homens que criavam a riqueza na hinterlandia, sem mais ou entrechoques politicos, atiraram-se à empresa da contribuiçao do extrêmo-norte para a economia e a finança do Império. Romperam-se os misterios que ainda o envolviam. Penetraram-se novos cursos dágua, como o Madeira e o Juruá. Era o ciclo da borracha que vinha inaugurar um novo estadio na economia brasileira. Um movimento migratório sensacional, de que participaram mais de cem mil brasileiros do nordeste, do Ceará principalmente, caracterisou o momento. As linhas de penetraçao colonial foram rompidas. Os sertanistas avançaram pelo coraçao da floresta, repetindo os episódios do bandeirantismo colonial. Vem a pelo recordar um nome Joao Gabriel de Carvalho e Melo, pioneiro a quem devemos o descobrimento dos seringais do Acre, para onde levou os primeiros povoadores. Atraz deles, as multidoes vieram chegando para a batalha. Nem o indio nem a agressividade ambiente conseguiram fazer estacar a marcha. Chegamos, assim, a extremos da fronteira. Atingimos e ocupamos o alto Acre, o alto Purús, o alto Juruá. O que compoe, na atualidade, o Territorio Federal do Acre, é uma consequência dessa marcha admiravel, que provocou incidentes com os nossos visinhos peruanos e bolivianos, incidentes resolvidos em beneficio da bôa harmonia e da bôa visinhança continentais.

O quarto ciclo assistiu a abertura do Amazonas à navegaçao mundial. Foi um passo decisivo para a nossa integraçao na vida universal. Nêsse quarto ciclo, rondas de cientistas percorreram a Amazonia, estudando-lhe todos os motivos fisiográficos e de naturalistica. Os Bates, os Wallace, os Chandless, os Huber, os Glycon de Paiva, os Hart, os Silva Coutinho, os Torquato Tapajóz, os Rondon e seus companheiros, estudaram, descobriram, provocaram sensaçao com o que apuraram.

Até então, além dos Regimentos particulares dos Capitães-mores e dos Governadores e demais funcionários, o grande texto era o chamado "Regimento das Missões", que regulava a vida nos burgos indianos sujeitos à vigilância e à intervenção dos missionários. Com a retirada dêsses, o irmão de Pombal decretou, sob aprovação real, o "Regimento do Diretório", novo estatuto que consubstanciava as linhas centrais do Regimento das Missões e o que a experiência e a filosofia liberal começaram a indicar para o contáto com as multidões gentias.

Os missionários eram acusados de planejar a criação de um estado aparte, de índole teocrática. O regimen a que obedeciam eles e seus catecumenos era semelhante aos das missões paraguaias. Como lá, a experiência que se tentou com a novidade leiga foi desastrosa. As massas indígenas não estavam preparadas para a novidade e o resultado foi o regresso de tribus e tribus ao recesso da floresta, de onde as foram "descer" os funcionários civís e militares para reintegrá-las nas novas posições sociais a que a lei as elevava.

Êsse segundo ciclo, por outro lado, foi assinalado pela obra notável de reconhecimento científico dos grandes cursos dágua, tarefa de que se incumbiram técnicos lusitanos e estrangeiros a serviço de Portugal. Procurava-se, então, regularisar o problema das fronteiras com os territórios espanhóis de Nova Granada, Alto e Baixo Perú, Capitania de Venezuela. Comissões de demarcadores trabalharam nessa oportunidade com um devotamento especial, logrando resultados memoráveis que enriqueceram os conhecimentos sôbre a geografia amazônica, desde a geografia física à geografia humana. Cabe aqui referir dois nomes que precisam ser recordados - Manoel da Gama Lobo d'Almada e Alexandre Rodrigues Ferreira. O primeiro exerceu funções políticas e técnicas em vários distritos amazônicos. Governou a Capitania de São José do Rio Negro e chefiou a comissão portuguêsa de limites, após ter feito reconhecimentos geográficos nas bacias dos rios Negro e Branco e ter verificado as possibilidades de comunicação das bacias do Negro e Japurá-Solimões. O segundo, natural da Baia, naturalista, indagou com um critério especial, por ordem régia, todos os aspectos da formação social da região, apurando tambem quanto lhe foi possivel da botânica e da fauna amazônicas. Seus trabalhos, anos depois desbaratados pelo cientista Geofroy de Sint Hilaire, deram-lhe alta nomeada. Chamamos-lhe Humboldt Brasileiro. Situamo-lo ao lado de Felix de Azara, Caldas e Mutís, que por essa mesma época realisavam tarefa semelhante no Prata e na Colombia.

Com o malestar criado com a Revolução francêsa, que impoz um estado de alarme na Amazonia, e posteriormente com os pronunciamentos dos hispano-americanos visinhos, encerrou-se o segundo ciclo histórico. As idéas liberais, apêsar de todo o esfôrço das autoridades absolutistas, chegaram e impressionaram as populações amazônicas, as quais tomaram atitude antes de quaisquer outras dos demais trechos do Brasil, iniciando a éra liberal-democrática que levou a Provincia, depois de sangrentas demonstrações, a integrar-se no Império que o Brasil passava a constituir na sul america.

A éra liberal-democrática foi experimentada no seu início, na Amazonia, por entre os conflitos partidários mais extremados. Entre 1821 e 1840, a Amazonia viveu comoções sangrentas. Seus homens lutaram de armas na mão por seus ideais. Nenhum distrito do Brasil-Império conheceu as mesmas desventuras partidárias. A massa gentia, recebendo a nova da independência como um ajuste de contas com o

Jari, o Negro, o Branco, o Madeira, o Japurá, o Tapajós, o Xingú, o próprio Tocantins-Araguaia, foram penetrados e reconhecidos. Com a penetraçao de sentido político-econômico, realisava-se o reconhecimento geográfico, primeira identificaçao fisiográfica e geohumana da Amazonia.

Nessa marcha expansionista, os sertanistas brasileiros do norte encontraram-se com os bandeirantes que desciam de Sao Paulo pelas águas do Tocantins-Araguaia, Tapajós e Madeira-Mamoré-Guaporé. A irradiaçao, por outro lado, conduzia-os ao Maranon, ao Napo, ao Aguarico, ao Coca, ao Oiapoc e ao Cassiquiari-Orenoco. Atingiam, assim, águas de bacias extranhas ao Amazonas. E no empreendimento, marcaram com sua presença fronteiras que os diplomatas nem sempre poderam, mais tarde, sustentar para o Brasil nascente.

Seis Ordens Religiosas, a essa altura, compareceram à regiao, no afan catequista, logrando resultados admiraveis. Estudaram a terra, estudaram o homem. Programaram a valorisaçao da Amazonia. Dois Jesuitas, Luis Figueira e Antonio Vieira, arquitetaram a criaçao de um grande império ultramarino nas selvas tropicais do extremo-norte brasileiro. Milhares de bandos indígenas aceitaram o dominio pela intervençao dêsses europeus de batina, que lhes falavam uma linguagem cordeal e lhes defendiam a liberdade. O drama mais impressionante talvez nao fosse, entao, àquele da criaçao do espaço político, mas o que em parte dele decorre e era o da luta pela liberdade. O homem que trazia a técnica da Europa e pretendia despresar a cultura das massas gentias, desejava-o para tudo. E o escravisava. O Religioso, combatendo pela liberdade, negando desde aí qualquer significado à superioridade de raças ou de pigmentaçao ou de culturas, pregou dest'arte a igualdade.

Na segunda fase, o dominio se processou sob fundamentos economicos e políticos mais firmes. Até entao, o aparelhamento estatal era rudimentar. Na Amazonia, as autoridades tinham uma jurisdiçao limitada. Subordinadas aos Governadores do Maranhao, deles recebiam ordens e instrucçoes. Pequenos trechos do grande espaço eram entregues a fidalgos e soldados venturosos da conquista para a experiência de tipo feudal das capitanias hereditárias.

Nessa segunda fase, o equiparento político-administrativo operou-se com certo luxo. Belém ensaiara seus primeiros passos em 1616. Sua posiçao geográfica indicava-a para o comando da vida que se erguesse no extremo-norte. Dela saíam as expediçoes de descobrimentos. Como que servia de atalaia para a defêsa da regiao. Como Buenos Aires, para o Prata, domina o largo estuário amazônico, serve de grande porta política à regiao, projetando-se para grandes dias futuros. Nessa segunda fase da evoluçao política da regiao, os homens públicos que vêm servir os propósitos progressistas e reformistas do Marquês de Pombal, mudaram-se para ela onde sediaram a alta administraçao do mundo amazônico brasileiro. Criaram-se cargos, obrigaçoes, serviços, trouxeram-se emigrantes, lavrou-se a terra, organisou-se um vasto plano de trabalho, construiram-se edifícios públicos e militares, civis e religiosos de grandiosidade arquitetônica. Homens de alta importância no Reino vieram governar a Amazonia. O próprio irmao de Pombal veio inaugurar essas transformaçoes violentas que principiaram com a retirada drástica dos Religiosos que nao se amoldavam aos planos oficiais. Nas aldêas montadas por êsses Religiosos, instalaram-se edilidades e funcionários com encargos administrativos. Criaram-se vilas e povoados.

oriental plantada, o saneamento do vale. Osvaldo Cruz foi chamado a orientar as providencias oficiais. Resultou, essa iniciativa administrativa, no planejamento de medidas que incluiam o estabelecimento de pequenos hospitais, o equipamento dos seringais com a assistencia médica aos seringueiros, a recuperaçao das cidades e vilas pelos trabalhos de engenharia sanitaria e a defesa da saúde com mil outras determinaçoes que, se executadas, teriam resultado na maior realisaçao sanitaria de todos os tempos, Osvaldo Cruz riscou seu plano, depois de um estudo minucioso. Seu relatório, com a legislaçao entao decretada, são ainda hoje as melhores fontes para o conhecimento da soluçao dos problemas sanitarios do vale, da mesma maneira por que sao as raizes da atual campanha do SESP.

AS QUATRO ÉPOCAS DA VIDA HISTÓRICA - Dentro dos três ciclos da história político-institucional brasileiro, a formaçao da Amazonia apresenta -se perfeitamente distribuida em quatro grandes épocas - a da conquista, a do dominio, a da experiência liberal-democrática e a do ouro negro.

Na primeira, assistimos à chegada dos europeus que vieram descobrir a terra e montar os primeiros estabelecimentos para a instalaçao do dominio. Entao, êsses europeus que eram espanhóis como Francisco de Orelana e Ursúa-Aguirre visitaram a terra de oeste-leste, descreveram-na ao Velho Mundo, pintaram-na como velocinos maravilhosos que deviam ser, quanto antes, desvendados e explorados para o bem estar material e o enricamento da Europa. A Amazonia aparecia no cartaz dêsses viajores e descobridores sensacionalistas como nas reportagens de nossos dias dos jornalistas norte-americanos. A Amazonia era o Eldorado ou parte integrante dêsse Eldorado que movimentava heróis e agitava os espíritos mais calmos.

Vieram, a seguir, os portugueses e os mamelucos do nordeste brasileiro que combateram os Tupinambás, a lhes embaraçarem os propósitos conquistadores, e os concurrentes vindos de Batavia, Irlanda e Britania. Organisados em empresas de amplos capitais e sob o apoio dos governantes inglêses e holandêses, êsses concurrentes deram dôres de cabeça, exigiram coragem, bravura, energia e vontade de vencer. Nenhuma dessas virtudes desertou dos luso-brasileiros. E os concurrentes foram postos fóra, depois de refregas que principiaram em 1616 e se estenderam até 1631.

A conquista, entao pôde tomar direçao mais firme. Colunas de sertanistas, em flotilhas guiadas pelo gentio, sem cuja colaboraçao, sem cuja inteligência, sem cuja aptidao, sem cujo suor nenhum passo se póde dar na hinterlandia, partiram em direçao norte e oeste. Pedro Teixeira, bandeirante máximo da regiao, subiu o Amazonas e passo a Quito, no Equador. Na baixada, indicou a existência de um mundo interior que era necessária alcançar permanentemente e onde se guardavam riquezas incontáveis. O romance dos primeiros dias volta a escreverse. Um cronista cheio de seiva, Frei Cristovam de Acuna, deu panoramas e flagrantes deliciosos que convidavam à façanha.

E as Tropas de Resgates, que objetivavam agarrar o bugre da hinterlandia para os mercados de escravaria vermelha de Belém e Sao Luís, as Tropas de Guerra, que iam semear postos militares e conter os visinhos que desejavam o mesmo espaço, as Tropas de sertanistas que procuravam a especiaria nativa e abundante, atiraram-se à empresa numa atividade incessante. Os grandes afluentes do Amazonas, como o

limitada pelo Ramos, Maués, Canumá e Madeira.

--Piassabeiros - vivem no Rio Negro. Extraem a piassaba, exportada para o Sul e para os Estados Unidos.

- Lavradores da Estrada de Ferro Bragança são nordestinos e seus descendentes. Lavram a terra, abastecendo os mercados de Belém, com os cereais de que se alimentam. Plantam tambem algodao.

- Lavradores de cana, cacáu e juta. Vivem os primeiros nos municipios de Abaeté, Igarapé Mirí e Muanã. Plantam cana e fabricam assucar de má qualidade e cachaça. Os segundos vivem no Tocantins, na regiao de Obidos e Santarém, Parintins e Itacoatiara. Constituiram um dos grupos mais fortes no final do periodo colonial e nas cinco primeiras decadas do seculo XIX. Sao atualmente uma expressao secundaria. Os últimos constituem o grupo mais novo. Sao cabôclos que aprenderam, com os japoneses da colonia de Parintins, onde começaram a trabalhar, a cultura da juta indiana. Vivem entre Parintins, Silves, Barreirinha, Faro, Oriximiná e Obidos.

- Pescadores maritimos e fluviais. Na generalidade, o homem amazonico é pescador. Pesca para alimentar-se. Pesca tambem como atividade economica. Entao esse pescador vive no litoral, entre Bragança, Vigia e a costa Marajoara. Vai ao alto mar com a mesma intrepidez do pescador, do jangadeiro nordestino. Vive em colonias, sob orientaçao da administraçao federal. Os pescadores fluviais distribuem-se pelo Solimoes, Juruá, Purús e Rio Branco. Pescam o pirarucú, a tartaruga e o peixe boi, que imediatamente beneficiam por processos primitivos.

- Creadores - Os do Marajó são cabôclos e negros, descendentes de escravos. Têm a agilidade dos pastores nordestinos. Os do Baixo Amazonas sao cabôclos. Os do Rio Branco sao nordestinos, principalmente paraibanos, que tambem fazem uma pequena lavoura, e cabôclos.

- Garimpeiros são os trabalhadores dos garimpos do Rio Branco, na orla lindeira com a Venezuela.

Esses homens, assim distribuidos de acôrdo com suas atividades economicas, consequentemente sem que atendessemos às suas caracteristicas antropologicas fisicas e sim, de alguma maneira, ás suas caracteristicas antropologicas culturais, sao desnutridos. Alimentam-se de pescado, farinha, bebem assaí. Recebem salarios irrisórios, quando recebem esses salarios. Nao conhecem quasi assistencia médica. Adquirem os generos de que têm necessidade, como as proprias roupas, por preços desmentidamente altos. Amam os dansarás, que lhes pertubam os indices de produtividade.

As cidades e vilas da hinterlandia não possuem condições de bem estar que sejam incentivo aos grupos dos povoados e sitios para melhoria de vida. Seus quadros demograficos são expressivos pelos algarismos de mortalidade que apresentam, principalmente das idades infantís. Ante essas perturbaçoes profundas e violentas produzidas pela desnutriçao e pelos surtos paludicos e das outras endemias e epidemias que têm assaltado a Amazonia, constituindo grosso capitulo da geografia das calamidades nacionais, o aumento populacional no vale tem sido vagaroso. Entre 1743 e 1749 por exemplo, numa populaçao de menos de 100.000 individuos, houve 40.000 baixas provocadas pela epidemia da variola, que só em Belém fez 7.600 vitimas.

Na administraçao Hermes da Fonseca, programou o Governo Federal, com a valorisaçao da borracha, ante a ofensiva da goma

criou, depois constroe a habitação de madeira ou de adobe, rodea-a de jardim, planta á volta o roçado para a alimentaçao diária, impoem-se um conforto material menos primitivo. De ambos, fez o perfil psicológico um escritor da Amazonia, Alfredo Ladislão.

Dissemos que cabôclos e nordestinos compoem, com tarefas dessemelhantes, o fundo da paisagem social amazonica. Com a paisagem social, acrescentemos, compoem igualmente a paisagem economica, que permite as distinçoes necessarias a uma melhor caracterisaçao dos dois grupos para a distribuiçao dos grupos brasileiros.

A classificaçao dos grupos sociais brasileiros, é certo, nao foi ainda objeto de uma atençao especial. Silvio Romero, Tristao de Ataíde, entre outros, tentaram classificaçao, atendendo a circunstancias de vida, de formaçao étnica, de regioes onde a humanidade nacional exerça suas atividades, etc. Todas essas tentativas, todavia, tao precarias, que estao a exigir, aliás como já percebera Silvio Romero, a classificaçao preliminar dos grupos regionais, provinciais, para que se possa posteriormente realisar a classificaçao geral dos grupos brasileiros.

No caso particular da Amazonia, José Verissimo estudou os tipos tapuios, examinado-lhes as peculiaridades, como Araujo Lima esquemou outros tipos, neles incluindo o homem vindo do nordeste para a aventura da borracha. As populaçoes amazonicas, evidentemente devem ser estimadas, insistimos como de origem indigena local ou de origem nordestina, esta com fundo igualmente indigena, como sabemos. Elas se distribuem, porém, pelo espaço amazonico, diversificando-se quanto a certas atividades que exercem, as quais nos permitem esboçar ou aventurar uma classificaçao. Assim, os homens da Amazonia podem ser distribuidos, em funçao de suas atividades, como: seringueiros, seringalistas, balateiros, caucheiros, castanheiros, madeireiros, coletores de couros e peles, guaranaseiros, piasabeiros, lavradores da estrada de ferro, lavradores de cana, cacáu e juta, pescadores maritimos, creadores do Marajó, Baixo Amazonas e Rio Branco, garimpeiros do Rio Branco

- Seringueiros sao os trabalhadores da borracha, geralmente cearenses, á medida que se penetra a alta hinterlandia.

- Seringalistas sao os proprietarios de seringais, geralmente antigos seringueiros, que venceram o meio e conseguiram subir um degráu da escada social.

- Balateiros sao os extratores de balata. Vivem principalmente no rio Negro e no rio Branco.

- Caucheiros sao os extratores de caucho. Operam geralmente na fronteira com o Perú e Bolivia, zona mais rica em caucho. Sao geralmente peruanos.

- Castanheiros são extratores de castanha. Operam no Tocantins-Araguaia, Solimoes, Madeira, Purús, Trombetas.

- Madereiros sao os coletores de madeiras, que pescam nos rios, salvando os toros que as aguas do Amazonas, Madeira e Juruá arrastam. Vivem geralmente ás margens do Amazonas, na regiao das ilhas.

- Coletores de couros e peles sao os operarios que buscam, na floresta, os especimens animais que lhes servem para extrair os couros e as peles, negocio rendoso. Habitam em todo o espaço ecumenico amazonico.

- Guaranaseiros são os descendentes de Mundurucús, Muras e Maués, que habitam a regiao da Mundurucania e plantam e beneficiam o guaraná, que exportam para Mato Grosso. A Mundurucania é a regiao de-

barbadianos e sírios. Os norte-americanos procuraram o Pará, após o desastre sulista da guerra de secessao. Estabeleceram-se em Santarém, na regiao banhada pelas aguas do Tapajós onde encontramos agora os estabelecimentos Ford. Os japonêses tentaram agrupar-se nas colonias de Maués, Parintins, Tomé-Assú e Monte Alegre. Falharam inteiramente como contigentes coloniais. Apenas em Parintins introduziram, com a ajuda do braço do nativo, que prossegue no empreendimento, a cultura da juta, trazida da India. Os sírios comerciam nas cidades, ou a bordo dos basares ambulantes que os cabôclos movimentam com os seus remos. Sao os regatoes, nomes que atribuimos aos mercadores fluviais, tipo que começou no período colonial com o próprio português.

Quanto aos contigentes nordestinos, antecedidos pelos contigentes maranhensos, êsses somaram mais de cem mil individuos só entre 1870 e 1889. Chegaram à Amazonia, forçados a principio pelos rigôres das sêcas violentas que lhes impossibilitavam a vida. Continuam desembarcando na regiao, em consequência dos planos oficiais de recuperaçao economica do grande espaço amazonico. Foram movimentadores do ciclo do ouro negro, como descobridores de seringais, penetradores da floresta e impulsionadores da fronteira na direçao sul. Quando se fala em Amazonia, geralmente se lhes atribue todo o desbravamento e conquista da regiao. Já vimos que nessa tarefa foi parte impressiva a multidao cabocla, que, no fim de contas guiou os contigentes nordestinos aos altos rios e lhes ensinou a adaptaçao à floresta. Cabôclos amazonicos e seringueiros nordestinos completando-se, finalmente, deram côr à paisagem social.

Constituem, consequentemente, dois tipos singulares, que vivem o mesmo ambiente geográfico, com tarefas dessemelhantes, mas compondo a sociedade da hinterlandia.

O cabôclo continúa caçando, pescando, colhendo a especiaria nativa, colhendo os toros de madeira que os rios empurram em direçao ao Atlantico, remando as canôas, ingressando nos corpos de tropa, vivendo a vida primitiva que sua situaçao econômica e física permite. Sua alimentaçao é frugalíssima. Contenta-se com o que lhe dao os rios e lagos piscosos, a farinha que sabe fabricar como ninguem e os subsídios que a floresta lhe fornece. Agasalha-se em habitaçoes rústicas, construidas com a paxiúba e o esteio de madeira que solicita à floresta visinha. Sua familia é geralmente grande. Sua distraçao é justamente o aumento da familia. Vive às margens dos rios e lagos. Nao tem ambiçoes. Dá, à primeira vista, a impressao de que é um vencido ou um desajustado ao meio. Nao tem estatura elevada. De compleiçao física de pequeno vulto. Sabedor, como ninguem, de quanto diz respeito ao ambiente. Canoeiro admiravel. Mateiro sem rival. Silencioso, sem expansividades gritantes, mas profundamente cáustico nas frases moles que expressam seu desapontamento ou lhe revelam o espírito crítico e vingativo ante a agressao ou o desdém do advena.

O nordestino, vibrante, cheio de disposiçao para construir seja o que fôr, é o seringueiro por excelência. Habitua-se à floresta, Revelando-se um ótimo discipulo, aprende com o cabôclo a integrar-se no novo ambiente. Trabalha a terra quando se lhe abre uma possibilidade. Tem agilidade e espírito combativo. Familia grande. Atira-se pelo desconhecido sem hesitaçao. Tem consigo uma bravura espetacular. Nos entreveros do Acre foi soldado magnifico, servido de sentimento cívico notavel. Nao constroe sua habitaçao como o cabôclo amazônico. Se, no primeiro momento, cede e habita nas do tipo que o Cabôclo

As gentes européas foram, grosso modo, os lusitanos do Reino, chegados para governar, para tomar conta da terra na condição de senhor, para ter em mãos a direção da coisa pública e da coisa privada. A êsses contigentes reinóis que, é de ver-se logo, nunca se algarismaram impressionantemente, vieram desde o século da conquista reunir-se, com certo vulto, os imigrantes das ilhas dos Açores, transportados aos casais e conduzidos para as tarefas agrárias, pelo que lhes foi, de pronto, entregue a terra e o necessário instrumental da época. Por fim, devemos considerar as pequenas colonias de suissos, irlandêses, ciganos, que deram pouco de sua presença, não sendo ainda por esquecer-se os lusitanos do estabelecimento fortificado de Mazagão, na Africa, que deram origem a Nova Mazagão e Tentugal, dois sitios urbanos que se estiolaram e são hoje mais reminiscências histórico-geográficas.

A contribuição africana não teve uma expressão forte. O negro não encontrou ambiente na Amazonia. Não havia capitais para adquirir a mercadoria negra. O meio geográfico, por outro lado, exigia mais do próprio gentio, que lhe sabia os segrêdos e podia cooperar de maneira mais impressiva e mais abundantemente quanto aos resultados. Em todo caso, as avaliações falam em menos de 25000 africanos que teriam sido trazidos no período colonial, a que se somou pouco mais no ciclo seguinte até a legislação libertária de 13 de Maio de 1888. As duas Provincias do vale, às vésperas daquela providência, não possuiam mais de 20000 escravos. Antes mesmo do ato imperial, a Provincia do Amazonas declarara livres todos os homens que vivessem em seu território. A influência do negro, em consequência, foi insignificante, numa população que, a essa altura, somava 400.000 individuos.

A multidão indígena, essa foi realmente a que dominou, como dominam na atualidade seus descendentes diretos. Os índices quantitativos, para caracterisar-lhe a importância, são todos precários. Mas não será excessivo afirmar que foi essa multidão, ainda no presente inumeravel a rigor, que povoou e marcou os índices mais fortes do passado e, de certo modo, da atualidade humana da Amazonia. As comissões demarcadoras das nossas fronteiras ainda agora encontram, no braço e na inteligencia objetiva dos bugres da hinterlandia, os melhores elementos para a consecução do êxito que se asseguram no decorrer de seus trabalhos.

Com ela, sob incentivos do Estado português, que concedeu terras, isentou de taxas o que essas terras produzissem, processou-se a miscegenação intensiva, experiencia social interessantíssima que está merecendo um estudo particular dos nossos sociólogos. Os descendentes dêsse crusamento, dessa mestiçagem oficialisada, em que a outra parte foi o elemento reinól, porque era proibida a miscegenação com o africano, constituem o fundo da população amazônica, desde seus traços físicos às características sociais, todas de uma evidência eloquente. O que ~~nós chamamos~~ presentemente de tapuio ou cabôclo é justamente êsse homem novo formado pelo crusamento que se operou, em larga escala, sob o objetivo inequívoco de preparar a sociedade que devia resistir aos imperativos regionais.

A êsses três elementos vieram reunir-se, depois da independência, imigrantes estrangeiros e nordestinos. Os estrangeiros, sem volumosa significação e representados por italianos, ainda portuguêses, fixados êsses nas cidades e vilas geralmente como simples comerciantes de sêcos e molhados, espanhóis, norte-americanos, japonêses,

lo vigário de Moura. No ciclo da cabanagem, foi ainda êsse gentio canoeiro que zombou dos navios das esquadrilhas do governo fugindo-lhes ao alcance, pelos paranás, furos, lagos, cassiquiris e igarapés, evidenciando suas qualidades navegatórias, que o ambiente explicava.

Na selva, colheram os nativos amazônicos a matéria prima com que fabricaram as suas rêdes, teceram e construiram os seus utensílios diários. Na selva, abateram as aves, cujas penas trabalharam com um carinho e um sentido artístico especiais para seus colares e mais adôrnos. Da flóra, buscaram as espécies e as tintas com que decoraram e prepararam os artefactos de sua indústria doméstica ou nao. Na regiao da Mundurucania, os Maué descobriram os efeitos curativos do guaraná, que cultivaram e adotaram como elemento necessário ao vigor da raça. No Solimoes, os Cambebas, descobriram as seringueiras, de cujo leite fizeram bolas, sacos e outros utensilios.

No Marjó, em Santarem, em Muiracanguera, entre Tefé e Coarí, grupos ainda nao bem identificados, que alí viveram, trabalharam na cerâmica, e a cerâmica é, como sabemos, um dos documentos mais importantes para considerar o grão das culturas dos primitivos, revelando-se na posse de um sentido artístico elevado. Os nossos museus, como museus europeus, guardam peças verdadeiramente maravilhosas, fruto da sensibilidade daquelas gentes e do grão de cultura espiritual que haviam atingido por ocasiao da conquista européa.

Essa conquista, compreende-se perfeitamente, trazendo culturas novas, perturbou profundamente o processo evolutivo normal das culturas nativas, desajustando-as ou procurando destrui-las integralmente. Nêsse particular, ocorreu, porém, a nota curiosa da resistência das culturas nativas. Os nativos, por exemplo, recusavam falar português. Ainda hoje, quem se lhes dirige nos dialetos em que expressam suas idéas e vontades, deles recebe a imediata e fácil ajuda, o que nao acontece aos que lhes solicitam a cooperaçao ignorando-lhes os falares. Por outro lado, continuemos a exemplificar, todas as pintas sociais e econômicas, partindo dos tipos antropológicos à alimentaçao, aos costumes domésticos, aos múltiplos aspectos de viver diário, pagam seu tributo ou sao unicamente ainda manifestaçoes dos hábitos, das atitudes, das dietas, das atividades que distinguiam os homens das selvas amazônicas. No tocante à alimentaçao, os "quitutes", os pratos do diário, sao pura alimentaçao indígena: os peixes, moqueados ou tratados pelos processos indígenas; a farinha, deitada numa cuia dágua, constituindo o chamado "xibé", prato de resistência que nao falta à mêsa do amazônico; o assaí, bebida feita do fruto de uma palmeira e saboreado em todas as refeições, muitas vezes até, convenientemente adubada pela farinha, servindo de único alimento durante dias e dias.

As culturas indígenas da Amazonia, sumariamente indicadas nos seus índices materiais e espirituais pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, sao culturas pragmáticas, como podemos verificar pelas suas resultantes nos nossos dias, resultantes que se expressam nas pintas sociais e econômicas, eloquentemente caracterisadoras.

OS NÓDULOS SOCIAIS - Os contigentes humanos que entraram na conposição social da Amazonia representaram-se, inicialmente, como nas outras partes do Brasil, pelas gentes européas, pelos grupos gentios e pelos trabalhadores africanos, importados para as empresas agrárias que se tentavam.

AS CULTURAS PRIMITIVAS - Os europeus que vieram fazer a conquista da Amazonia, fosse penetrando-a pelo Atlantico, fosse pela via peruana, portanto partindo das margens do Pacífico, encontraram-na habitada e dominada por multidoes gentias que, ora de pronto lhes procurarem barrar o passo, ora com eles se acamaradarem, ajudando-os na façanha da conquista e com eles colaborando, posteriormente, na criaçao da riqueza e da nova sociedade.

Essas multidoes gentias nunca poderam ser inventariadas no aspecto quantitativo. Falavam os cronistas do descobrimento em centenares de tribus, consequentemente muitos milhares de individuos compondo essas tribus. Alguns deles descreveram povoados às margens do Amazonas que reuniram multidoes como as cidades vertiginosas de hoje. Evidentemente um exagêro. Ainda hoje será difícil avaliar com a segurança necessária èsse quantitativo indígena, embora elas estejam reduzidas, sob qualquer aspecto por que as procuremos examinar.

No tocante ao grão de cultura que apresentavam, nao será fácil tambem informar com exatidao. As multidoes primitivas da Amazonia, na generalidade indicadas como numa infancia de cultura, só na atualidade têm sido examinadas dentro dos rigôres técnicos da antropologia cultural. Aqueles índios negativistas que encontramos registrados pelos primeiros cronistas, que só viam o nativo como um homem inferior, desprovido de conhecimentos apreciaveis, porque êsses conhecimentos nao se bitolavam pelos conhecimentos da ciência européa, só na atualidade têm sido avaliados na devida proporçao, dêsses inquéritos e pesquizas já se estando a concluir que os grãos de cultura em que êles viviam nao eram tao baixos como se imaginou, como tambem nao possuem aquela riqueza de modêlos ou de aspectos que singularisaram as culturas das gentes do Perú, do Mexico e da Colombia.

Restos ou nao de grupos emigrados para a bacia amazônica, os primitivos da Amazonia, no setor brasileiro, estao classificados entre os Tupi-Guaranís, os Tapuias, Caribas, Nuaruaks, Panos, Betoias, Tucanos. Grosso modo, mais famosos os das familias Tupi e Nuaruaks, aqueles igualmente os que deram maiores contigentes para o povoamento.

Em contacto com o ambiente amazônico, poderosamente rico em agua e floresta, Tupis, Nuaruaks, Caribas, naturalmente condicionaram sua existência ao imperativo do espaço assim caracterisado. Utilisaram as espécies da flóra na confeçao de suas particularidades culturais, como utilisaram as aguas regionais para caminhar, ir às guerras, nutrir-se do pescado, mover-se, enfim, nêsta ou naquela direçao. Quasi todos os povos amazônicos, por isso mesmo, foram canoeiros habilíssimos, alguns deles, como os Camutá do Tocantins, os Cabebas do Solimoes, e os Mura do Madeira-Purus, distinguindo-se dos demais habilidades assombrosas por que construiam e guiavam suas embarcaçoes. Para recordar um acontecimento histórico, basta referir que foi com a ajuda décnica dos Camutá que Pedro Teixeira e seus companheiros, entre 1637-1639 subiram o Amazonas-Napo-Aguarico até Quito, e os desceram a Belém, realisando a façanha homérica do desbravamento da alta hinterlandia amazônica. Os Mura, gente de corso, durante mais de um século assaltaram as expediçoes lusitanas, atacaram os povoados montados à beira rio, em correrias fluviaes que fizeram época e serviram para que zombassem da energia das autoridades civís e militares que tentavam contê-los e castiga-los. De tal maneira famosos, permitam que mereceram as rimas de um poema heróico, -"A Muraida", escrito pe-

pelos extratores de produtos naturais. O Tocantins-Araguaya, por algum tempo foi considerado como uma bacia autônoma. Suas aguas teriam vindo associar-se ás da bacia amazônica sem vassalagem, antes num paralelismo de forças. Já hoje o incorporamos ao sistema do Amazonas, pelas aguas do chamado rio Pará.

No vale dos rios Branco e Negro, as turmas das várias comissões brasileiras de limites têm realisado reconhecimentos integrais. Na atualidade mesmo, a primeira divisão demarcadora, sob a direção do comandante Braz Dias de Aguiar, operando em zonas novas, fez o levantamento do Demeni, do Uraricoera, do Mucajaí, do Padauirí e do Parima e reconheceu o Lobo d'Almada, o Cunha Vilar, o Melo Nunes e o Couto de Magalhães, que só agora passam a figurar nas nossas cartas geográficas. O Parima e o Uraricoera, o Mucajaí, o Padauirí não possuiam manadeiros conhecidos. Êsses manadeiros foram atingidos pelas turmas brasileiras da comissão demarcadora, primeira divisão, nos três últimos anos. Revolução geográfica evidente a que está realisando a bravura e o civismo dos homens que servem sob a direção do comandante Braz Aguiar. Revolução geográfica, todavia, que ainda não está encerrada, dado que a outros imensos trechos da Amazonia que ainda não se beneficiaram dos olhares da ciência para os quadros da geográfia.

Dissemos que o Amazonas destroe e constroe. Destroe porque na epoca do crescimento das águas, inunda vastíssimas áreas onde vivem os rebanhos, onde se faz a pequena agricultura de intenção alimentar, matando os rebanhos, destruindo as lavouras. O fenomeno das terras caídas toma proporções nêsse período: enormes trechos das margens altas do rio e seus afluentes desabam, comidas pelas aguas, tudo arrastando, inclusive gigantescos especimens da flóra regional.

Constroe, porque na descida das aguas, fertelisa, com os sedimentos vários que deixa sôbre as margens, permitindo aquelas lavouras alimentares que garantem ao homem o necessário para a acometida que ele realisa sôbre a floresta. Essas margens baixas, e assim tão uteis, lavadas e adubadas são as varzeas, que por tal se distinguem das chamadas terras firmes.

A floresta amazônica é uma das mais explendorosas e extensas do mundo. Ora é atingida pelas aguas da bacia do Rio-Rei, ora fica fóra da invasão dessas aguas. "Nas terras firmes, a coloração é verde escúra, descreve Alfredo da Mata, identificando-se o espaço, além do mais, pela presença de individuos botânicos como a castanheira, o caunho, a hevea, etc. A escassez de palmeiras é sensivel. As matas de varzea não apresentam a mesma pujança e estão sempre ameaçadas de destruição pela voracidade das aguas. Mas como as terras firmes, guardam imensas riquezas selvagens representadas por tipos de hevea, urucuris, samaumeiras, açacuzeiros e canaranas.

Nas terras firmes, encondem-se milhares de individuos da fauna econômica da região. Como nas aguas do Solimões, do Purús, do Rio Branco, habita uma população de alguns milhares de espécies ictiológicas, como o pirarucú, o peixe-boi, a tartaruga".

O cenário amazônico tem sido objeto de uma literatura intensa e nem sempre exata. Seu descritivo é difícil. As mil particularidades fisiográficas, representadas nos rios, nos lagos, nos paranás, nos igarapés, as mil particularidades fitogeográficas e zoogeográficas criaram para a Amazonia a situação particular de um mundo de singular fisionomia, sintetisavel em aguas abundantes, florestas gigantes, humanidade escassa, fauna riquissima, economia destrutiva.

A vôo de pássaro, essas nossas afirmativas podem ser melhor compreendidas ou apreciadas. Mesmo porque da amurada das embarcações que sulcam as águas amazônicas só de leve se pode colher a impressao exata do que representa, na vida regional, e lhe dá feiçao fundamental, êsse conjunto de águas e essa densidade florestal.

A extensao territorial da Amazonia brasileira assenta em mais de três milhoes e meio de quilômetros quadrados. Nêsse espaço gigantesco, o homem está representado em apenas cêrca de um milhao e meio de individuos. O espaço ocupado pelas águas e pela floresta, em consequência, continúa dominante.

Falamos em regiao de campos naturais. Essas regiões localisam-se na ilha do Marajó, no Baixo Amazonas, nas cercanias da fronteira com a Guiana Holandesa, no vale do Rio Branco, na Guiana Brasileira que se extende do litoral atlântico em direçao ao Jarí, entre o Madeira e o Purús, trechos dos municipios de Labrea e Humaitá. Êsses campos nao sao continuados. Espaçam-se muito, pela penetraçao da floresta. Têm sido aproveitados para a fundaçao de estabelecimentos pastorís, principalmente os do Marajó e os do Rio Branco.

Os geógrafos brasileiros dividem a Amazonia em três zonas: a boreal serrana, a central e a das grandes matas do sudoeste. Na primeira, há um relêvo granítico acentuado. Aí está localisado o que chamamos o sistema guiano ou parimo, identificavel facilmente pelos dois trechos do maciço guiano. Três grandes bacias têm seus divisores de agua nessa zona: a do Amazonas, pelas aguas dos rios Branco e Negro; a do Orinoco, cujas nascentes sao uma descoberta realisada, ha mêses, pelos bravos servidores da ciência que sao os membros brasileiros e venezuelanos das comissoes mixtas demarcadoras da fronteira norte, e a do Esequebe-Rupununi.

Na segunda, onde a depressão é visivel, as ondulações do terreno sao apagadas, apenas aflorando, podemos assim dizer, em pequenos taboleiros, entre o Parú e Parintins. É essa zona pontilhada por ilhas de todos os tamanhos e por lagos em quantidade infinita. Sao aí os famosos estreitos de Breves. Mais acima, o rio sofre uma angustura, na altura de Obidos, angustura violenta em face das proporçoes de largura dos demais trechos fluviais.

Na terceira zona, vamos caminhando em ascenção. Os rios rumam para os chapadoes matogrossenses ou tomam a direçao da cordilheira andina. É a zona por excelência da floresta. Os campos rareiam. A riqueza dominante é a hevea brasiliensis. Alguns dos rios que correm aí estao ainda em formaçao de leito.

A temperatura nessas três zonas não é de todo igual. Embora integrando a zona equatorial, quente e húmida na generalidade, no trecho serrano, como no trecho da mata sul, o calôr perde muito de seu vigor. As estaçoes sao duas apenas: inverno e verao. O inverno começando em novembro e o verao em maio. A temperatura média em Belém é de 25°,6; em Manáos, 26°,6.

O Amazonas corre em direção ao Atlantico fertilisando e destruindo. Seus afluentes mais vigorosos, de maior rêde, estao na margem direita. Sao o Javarí, o Juruá, o Purús, o Madeira, o Tapajós e o Xingú, que se dirigem para Mato Grosso e para a Bolivia e Perú. Pela margem esquerda os afluentes sao o Içá, o Japurá, o Negro, o Urubú, o Nhamundá, o Trobetas, o Jarí e o Parú. Dêsses rios, o Urubú, o Nhamundá, o Trombetas, o Parú nao foram percorridos em toda a extensao. Continuam dominio do gentio, habitados que sao apenas no baixo curso



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

